

Livre docência por quê?

Fares Rahal¹, Victor Pereira²

Dizia-nos um professor de cirurgia, infelizmente falecido, que o médico deve adquirir o direito de fazer livre-docência.

Para isto deve ter: carreira ética e moral inquestionável; projeção como profissional competente, respeitado e reconhecido pelos seus pares; realizado carreira universitária profícua e brilhante; obedecido aos tramites regulamentares, tais como mestrado, doutorado; publicações científicas de pesquisas ou casos clínicos em periódicos de alta qualidade; memorial altamente qualificado; linha de pesquisa produtiva, cujos resultados beneficiem de alguma maneira o doente; significativa experiência didática; postura profissional inatacável; bom senso, equilíbrio e respeito no trato com os colegas; participação ativa em congressos científicos universitários no país e exterior; atividade associativa; maturidade e equilíbrio pessoal. Enfim, ter adquirido o direito de fazer o concurso de livre docência.

A carreira universitária de estado termina com o doutorado.

Todavia, a inquietude própria do ser humano atinge também os médicos. Alguns dos mais bem capacitados julgam seu dever o estudo continuado, a aquisição crescente de novos conhecimentos e de experiência.

Não obstante doutores hibernavam. Todavia estimulados pelos mais velhos encaram a livre docência como balisamento dos seus esforços, não só pelo título em si também, mas para conseguir o desiderato: mais saber e mais experiência.

O concurso de livre docência é o mais difícil da carreira médica. Um ano ou mais para preparar a tese ou texto circunstanciado. Perquirição pela comissão julgadora constituída por livre docentes. Análise pública do seu memorial. Aula didática. Prova escrita. Provas práticas.

O candidato terá a oportunidade de demonstrar conhecimentos, cultura, capacidade e ponderação nas respostas às críticas dos examinadores. Ou seja, o alto nível atingido.

Aprovado, adquire respeito impar dos seus pares, o orgulho nobre dos familiares deferência no meio em que trabalha e a estima dos doentes que dele necessitam.

Árdua batalha vencida.

Por outro lado o padrão da faculdade, de onde provem, aumenta com o acréscimo de livre docentes altamente qualificados e é motivo de júbilo e respeito das suas congêneres.

Tudo se repete por ocasião de outros concursos similares.

Em síntese. A livre docência honra o candidato e a faculdade.

Não é só. O livre docente é o norte para os mais novos tornarem-se capacitados e substituírem os mestres no momento oportuno. Deve participar ativamente da vida associativa representando a sua instituição, no caso a Fac. Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, no círculo virtuoso daqueles que lutam pela melhoria da qualidade do ensino médico e do exercício da medicina.

Nos últimos decênios houve desconstrução da relação médico-paciente, falta de ética cada vez mais generalizada no meio médico e proliferação desenfreada de escolas ditas

1. *Livre Docente. Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – Departamento de Cirurgia*

2. *Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – Departamento de Cirurgia*

“médicas” Escolas sem professores titulados, sem laboratórios e sem hospitais de ensino com o padrão adequado.

A Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo foi pioneira em vários aspectos do ensino médico. Citamos a abolição das catedrais vitalícias permitindo o rodízio de assistentes, na chefia de disciplinas e departamentos: o internato em dois anos; o ensino desde o 1º dia no hospital escola e o contato dos estudantes com residentes, médicos, professores e doentes, o ensino da ética médica do 1º ao 6º ano do curso.

Mantê-la no alto é também obrigação dos livres docentes.

È preciso lembrar que na década setenta, apreciável número de médicos de elevado padrão, prestaram a livre docência nas respectivas especialidades, e engrandeceram extraordinariamente o valor dado a Santa Casa, e a sua faculdade.